

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS - UFAM
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA E FISIOTERAPIA - FEFF
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA**

GANDLE RICHARD PAZ NOGUEIRA

**CONCEPÇÕES METODOLÓGICAS PARA O ENSINO-APRENDIZAGEM DO
VOLEIBOL**

MANAUS

2023

GANDLE RICHARD PAZ NOGUEIRA

**CONCEPÇÕES METODOLÓGICAS PARA O ENSINO-APRENDIZAGEM DO
VOLEIBOL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Curso de Licenciatura em Educação Física da
Universidade Federal do Amazonas (UFAM), como
requisito para obtenção do título de licenciado em
Educação Física

Orientador: Prof. Dr Rodrigo Ghedini

Gheller

MANAUS

2023

Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

N778c Nogueira, Gandle Richard Paz
Concepções Metodológicas para o Ensino-Aprendizagem do
Voleibol. / Gandle Richard Paz Nogueira . 2023
36 f.: 31 cm.

Orientador: Rodrigo Ghedini Gheller
TCC de Graduação (Licenciatura em Educação Física) -
Universidade Federal do Amazonas.

1. Metodologia. 2. Voleibol. 3. Concepções. 4. Aprendizagem. I.
Gheller, Rodrigo Ghedini. II. Universidade Federal do Amazonas III.
Título

GANDLE RICHARD PAZ NOGUEIRA

**CONCEPÇÕES METODOLÓGICAS PARA O ENSINO-APRENDIZAGEM DO
VOLEIBOL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Curso de Licenciatura em Educação Física da
Universidade Federal do Amazonas (UFAM) como
requisito parcial para obtenção do grau de
Licenciado em Educação Física

Este trabalho foi defendido e aprovado pela banca em 10/11/2023.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Rodrigo Ghedini Gheller - UFAM
Orientador

Prof. Dra. Inês Amanda Streit - UFAM
Avaliadora

Prof. Dr. Vinícius Cavalcanti - UFAM
Avaliador

*Dedico este trabalho à minha família, amigos,
e, por fim, a mim mesmo, como um lembrete
infundo de que a dedicação e o esforço são
recompensados*

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, quero agradecer à minha família. O apoio incondicional, o encorajamento e o amor que vocês me proporcionaram ao longo dos anos foram essenciais para que eu chegasse até aqui. Sem vocês, nada disso seria possível.

A minha mãe, que sempre esteve presente, e nunca me deixou pensar de outra forma, que não fosse “os estudos são o caminho”, através de conselhos e seu próprio exemplo de vida.

Ao meu orientador, Rodrigo Gheller, que me acompanhou durante todo o processo de construção deste trabalho, respondendo a perguntas que pareciam sem fim, sem sua ajuda e paciência, a jornada teria sido muito mais árdua.

Ao meu pai, que se manteve imutável com seu discurso “Esse sofrimento é temporário, você já esteve mais longe”

A Prof^a Dra Inês Amanda Streit, que muito mais que apenas uma professora, se mostrou uma amiga e porto seguro não só a mim, mas também a todos que lhe cercam, sem sua ajuda tenho certeza que não só eu, mas a maioria de meus amigos de turma não estariam aqui.

Ao meu amigo Phellipe Fróes, e nossas conversas que acredito eu, tenham sido de motivação em mão dupla.

Ao professor Nina, e suas indicações de livros que moldaram muito do meu conceito sobre a nossa área de trabalho.

Ao meu Tio Jandernilson, que me inseriu e apoiou no ambiente do voleibol, muito do que aprendi fora dos livros, foi através de sua experiência.

E por fim, mas não menos importante, a todos que compartilharam essa jornada ao meu lado, apoiaram diretamente e indiretamente, sem vocês, família, amigos, professores, nada disso seria possível, nem eu seria capaz.

“Demore o tempo que for para decidir o que você quer da vida, e depois que decidir não recue ante nenhum pretexto, porque o mundo tentará te dissuadir” -Friedrich Nietzsche

RESUMO

O voleibol é um esporte popular no Brasil, amplamente praticado e ensinado nas escolas, sendo o segundo esporte mais popular do país. Conseqüentemente, o ensino de sua prática retorna discussão sobre as melhores abordagens para ensiná-lo. Diferentes abordagens pedagógicas têm sido adotadas para o ensino do voleibol. Os métodos tradicionais concentram-se no ensino técnico fragmentado, incluindo abordagens parciais e globais. Contudo, as abordagens contemporâneas priorizam o ensino através de jogos e situações centradas no aluno. Dois exemplos de abordagens contemporâneas são o método Teaching Games for Understanding (TGfU) e a Educação Esportiva. Responsabilidade do professor é escolher a abordagem pedagógica mais adequada com base em vários fatores, como o nível de habilidade dos alunos, objetivos de ensino, condições de prática e recursos disponíveis. Não existe um método único que seja superior aos outros, e o professor deve continuar aprendendo para se adaptar efetivamente às necessidades dos alunos.

Palavras-chave: Metodologia; Voleibol; Concepções; Aprendizagem.

ABSTRACT

Volleyball is a popular sport in Brazil that is widely practiced and taught in schools. It is the second most popular sport in the country. As a result, there is a lot of discussion about the best approaches to teaching it. Different pedagogical approaches have been adopted to teach volleyball. Traditional methods focus on fragmented technical education, including partial and global approaches. However, contemporary approaches prioritize teaching through games and student-centered situations. Two examples of contemporary approaches are the Teaching Games for Understanding (TGfU) method and Sports Education. This literature review aims to describe pedagogical approaches to teaching volleyball in educational and sporting contexts. The research was conducted through analysis of scientific articles, books, and dissertations. It is the teacher's responsibility to choose the most suitable pedagogical approach based on various factors such as the students' skill level, teaching goals, practice conditions, and available resources. There is no single method that is superior to others, and the teacher must keep learning to effectively adapt to student needs

Keywords: Methodology; Volleyball; Conceptions; Learning.

SUMÁRIO

1. Sumário.....	9
2. INTRODUÇÃO.....	10
3. OBJETIVOS	13
3.1. OBJETIVO GERAL	13
3.2. OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	13
4. REVISÃO DA LITERATURA.....	14
4.1. HISTÓRIA DO VÔLEI NO BRASIL E NO MUNDO	14
4.2. FUNDAMENTOS DO VOLEIBOL.....	17
4.3. METODOLOGIAS DE ENSINO DO VOLEIBOL	21
4.3.1 MÉTODOS TRADICIONAIS.....	21
4.3.2 METODOLOGIA PARCIAL (ANALÍTICA).....	21
4.3.3 METODOLOGIA GLOBAL.....	24
4.3.4 METODOLOGIA MISTA	26
4.3.5 METODOLOGIAS CONTEMPORÂNEAS	27
4.3.6 TEACHING GAMES FOR UNDERSTANDING (TGfU).....	27
4.3.7 SPORTS EDUCATION.....	30
4.3.8 OUTRAS POSSIBILIDADES	32
5. CONCLUSÕES.....	33
6. REFERÊNCIAS.....	35

2. INTRODUÇÃO

O voleibol teve sua origem em 1895, quando o professor da Associação Cristã de Moços, William Morgan criou a nova modalidade (ainda não denominado assim), com o intuito de idealizar um esporte coletivo que não houvesse contato físico e praticado *indoor*. Sendo assim, saindo dos esportes de invasão, o professor de Educação Física dividiu a quadra ao meio, no qual ganhava quem atingisse a bola no chão da quadra adversária, criando assim, um esporte menos violento, porém ainda sim cativante aos praticantes.

Atualmente o voleibol é amplamente praticado no mundo todo, no Brasil, detém notável relevância, sendo considerado como o segundo esporte nacional, perdendo apenas para o futebol na preferência nacional (MEZZARROBA; PIRES, 2011), e essa afirmação é corroborada por Marchi Junior, (2001), que cita acerca do voleibol: firmando-se como o esporte mais jogado no país depois do futebol, no qual seus praticantes buscam no voleibol uma prática esportiva de lazer ou competitiva, ou apenas como torcedor que presencia jogos em ginásios ou mesmo no sofá de sua casa (MEZZARROBA; PIRES, 2011). No contexto brasileiro, o voleibol emergiu como um meio de coesão social e identificação nacional, proveniente da sua popularização a partir dos anos 80, quando a intervenção da mídia consubstanciou e materializou o sucesso da modalidade (JÚNIOR, 2008). Isso ocorreu especialmente a partir de importantes conquistas, como a medalha de prata nos jogos Olímpicos de 1984, em Los Angeles, com o que posteriormente foi denominada da “Geração de Prata”. Essa popularização trouxe à tona a possível potência que o Brasil poderia se tornar, o que se comprovou quando em 1992 o Brasil novamente conquista o pódio, porém agora com uma medalha de ouro nos Jogos Olímpicos de Barcelona, os resultados, aliados ao marketing trazido pelas vitórias, o voleibol ganhou uma posição relevante nos holofotes nacionais.

O voleibol ao longo dos anos passou por várias modificações em suas regras, as quais aumentaram a intensidade do jogo, bem como modificaram as demandas técnicas e táticas dos atletas e praticantes. No que concerne ao início, é nítido essa evolução citada acima, quando observamos as regras, é possível verificar mudanças no regulamento, no qual limitou-se o número de jogadores em quadra para 6, mudanças no sistema de pontuação, o sistema de SET's, a adesão de um jogador especializado somente na defesa, o líbero, e também a especialização de jogadores

por posição em quadra. A criação dos sistemas táticos mais elaborados, entre outras alterações que

permitiram o esporte ser mais harmonioso para quem o praticava ou assiste. Essa evolução também é possível notar nos fundamentos do esporte, como no saque, que tinha o objetivo apenas de colocar a bola em jogo, pois era a oportunidade do time de pontuar sem fadigar muito a equipe, ou, diretamente ligado ao saque, o fundamento da recepção, importantíssimo para a continuidade do jogo. Todas essas mudanças se fizeram necessárias pois como cita VARGAS; ALEGRE (2010):

à medida que os jogadores foram evoluindo tecnicamente, que as equipes foram aperfeiçoando e melhorando a sua condição física e os conhecimentos táticos, houve um natural necessidade de modificar e aperfeiçoar as regras do jogo.

O próprio livro de regras da FIVB, reafirma essa necessidade nas alterações regulamentares quando BARBOSA; FUKUDA; CASANOVA (2021) cita:

Nos últimos anos a FIVB tem feito grandes avanços na adaptação do jogo para um público moderno, liberalizando os critérios de manuseio da bola, introduzindo até dois jogadores especialistas defensivos “Liberó”, introduzindo a tecnologia com o sistema de vídeo desafio proporcionando justiça ao esforço dos atletas e políticas de incentivo que promovam o jogo fluido para entreter o público, tanto no local quanto na televisão.

O voleibol é um esporte repleto de movimentos não naturais, e com peculiaridades e distinções de outros esportes. O voleibol é, além disso, o único dentre os esportes com rede que consiste que a bola esteja sempre no ar (BARBOSA; FUKUDA; CASANOVA), como também o fato de não poder segurar a bola, a alta velocidade com que ela atinge no saque e ataque, e o curto tempo para tomada de decisões, gera uma maior dificuldade no processo de ensino/aprendizagem dessa modalidade esportiva. Nesse sentido, diversas formas de ensino do esporte têm sido propostas, sendo que algumas são mais centradas na técnica, como as metodologias parciais ou analíticas que se preocupam em ensinar o jogo de forma fragmentada, e as habilidades de forma separada.

Por outro lado, algumas metodologias contemporâneas de ensino-aprendizagem saíram da vertente estruturalista do esporte, com sua fragmentação, e começaram a buscar o ensino da modalidade através de jogos, de métodos situacionais, minijogos e problematizações. Desta forma, surgiram, metodologias como o *Teaching Games for Understanding* - TGfU (BUNKER; THORPE, 1986), que

tem como objetivo fazer com que o aluno compreenda a modalidade, dando sentido ao seu aprendizado, através de jogos. O *Sports Education* (SIEDENTOP; HASTIE; MARS, 2011; SIEDENTOP, 1994), que tem como intuito deixar a modalidade mais lúdica e participativa. Modelos híbridos, os modelos estruturalistas, o crítico emancipatório, o ensino através do jogo, todos esses são modelos que perpassaram pela busca do professor de tornar o processo

de ensino/aprendizagem do voleibol e de outros esportes coletivos mais fácil para quem estivesse aprendendo, para Góis e Gonçalves (2005), a prática esportiva deve contribuir para o processo de formação humana e desenvolvimento da cidadania, visando aos melhores resultados aos alunos por meio de conhecimentos, atitudes e competências, logo, o ensino dessas práticas deve ser o ponto onde culminam as discussões acerca da prática “ensinar”, enquanto falamos das práticas esportivas.

Embora a literatura aborde vários métodos para o ensino dos jogos coletivos, qual seria a melhor forma de passar esse conhecimento aos novos entusiastas da modalidade de voleibol? Quais os pontos fortes e fracos de cada abordagem quando estas são voltadas ao ensino do voleibol? Pensando nesses questionamentos, se fez necessário uma pesquisa na literatura utilizando como base de dados livros, periódicos, teses e dissertações, com o objetivo de investigar as abordagens pedagógicas que perpassaram no ensino do vôlei em contextos educacionais e esportivos.

3. OBJETIVOS

3.1. OBJETIVO GERAL

Investigar as abordagens pedagógicas que perpassaram no ensino do vôlei em contextos educacionais e esportivos, visando comparar as abordagens tradicionais com as contemporâneas.

3.2. OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Listar as abordagens pedagógicas mais comuns utilizadas no ensino do vôlei;
- Explicar as diferenças entre as abordagens centradas no professor e centradas no aluno no contexto do ensino do vôlei.
- Interpretar como as abordagens pedagógicas podem afetar a motivação dos alunos para aprender vôlei.
- Identificar os fatores que contribuem para o sucesso ou fracasso de determinada abordagem pedagógica no ensino do vôlei.
- Discorrer sobre os pontos fortes e fracos de cada abordagem pedagógica em termos de impacto na aquisição de habilidades técnicas e táticas.

4. REVISÃO DA LITERATURA

4.1. HISTÓRIA DO VÔLEI NO BRASIL E NO MUNDO

Criado há pouco mais de um século, na cidade de Holyoke, em Massachusetts, nos Estados Unidos, o Voleibol remete de 1895, quando o então recente promovido diretor de Educação Física da Associação de Cristã de Moços (ACM), William George Morgan, vendo a dificuldade dos integrantes de meia idade dessa associação (40 a 50 anos), que eram os comumente chamados de “homens de negócios” participarem das modalidades esportivas, tendo em vista que essa elite de mais idade não conseguia ficar muito tempo sob o esforço físico que demandavam as práticas esportivas da época tais como baseball, futebol, e um esporte *indoor* criado quatro anos antes, denominado de basquetebol.

Nessa época, era comum que as práticas fossem divididas por estações do ano, assim, “era comum na primavera praticar o beisebol, no outono o futebol americano e no inverno, realizar sessões de ginástica (calistenia) em ginásios fechados (BIZZOCCHI; REZENDE, 2016). O basquetebol foi criado com o intuito de ser um esporte que pudesse ser praticado *indoor*, possibilitando sua prática no tanto no verão, quando o clima era propício, quanto no inverno, porém, sua prática era extenuante, já que a demanda de movimentos vigorosos era alta, com choques entre os praticantes que comumente geravam lesões.

Foi então que na busca por uma prática desportiva que demandasse menos esforço físico, e que também tivesse menos contanto físico, diminuindo assim os riscos de lesão, o que era comum nos esportes mencionados acima, pela intensidade das suas práticas, que Morgan pensou no Tênis, porém, a demanda de raquete em sua prática, fez com que Morgan adaptasse uma nova prática, na quadra, elevou a altura da rede por volta de 1,98m, o que normalmente ficava acima da cabeça de um homem de altura mediana, em uma quadra que media “15,35 metros de comprimento e 7,625 metros de largura (MARCHI JUNIOR, 2001), a quantidade de jogadores em quadra não tinha um número definido, porém, deveria ser o mesmo para os dois lados da quadra, haviam também algumas regras básicas, como o rodízio de jogadores, com o intuito e que todos sacassem a bola, que inclusive, havia uma segunda chance caso o jogador não acertasse o saque de primeira, não havia limite de toque, e era um jogo de rebater a bola para o lado adversário.

Esse conglomerado de adaptações culminou no “minonette” (ou mintonette) (MEZZARROBA; PIRES, 2011), que tirava seu nome do Badminton (minto) e proveniente do basquete (ete). Esse emergente jogo caiu nas graças dos participantes

da ACM, por ser uma adaptação, e a bola deveria estar sempre no ar, a bola de basquete era muito pesada para esse fim, então tiraram apenas a câmara de ar de dentro da bola, e esse foi o implemento do jogo, até que Morgan solicitou à firma A. G. Spalding & Brothers a produção de uma bola específica para o esporte emergente (MEZZAROBA; PIRES, 2011a).

O jogo se tornou popular, mas era restrito aos praticantes dentro da ACM, isso mudou quando Morgan foi convidado para uma conferência de Professores na Escola dos Operários Cristãos, onde atualmente se encontra a Universidade de Springfield, nessa ocasião, a demonstração do Mintonette foi muito bem vista pelos presentes, então através de observações da prática, que o Dr. A. T. Halstead percebeu que a disputa das duas equipes em manter a bola no alto, se assemelhava muito com a ação de voleio do tênis, que consiste no atleta golpear a bola antes que ela toque no chão, passando-a por cima da rede para a quadra adversária, foi assim que por sugestão do Dr. Halstead, que Willian Morgan concordou em mudar o nome do jogo de Mintonette para Volleybol, que seria o nome oficial do esporte.

Dentre as teorias da chegada do voleibol no Brasil há uma disparidade tanto no local, quanto nas datas, como cita Bizzocchi; Rezende (2016) que alguns autores afirmam sua chegada em 1915 pelo Colégio Marista de Recife-PE, porém, a teoria mais aceita é a chegada da modalidade em São Paulo, no ano de 1916, na ACM daquela cidade, tendo em vista que a própria origem do esporte é advinda da ACM de Massachusetts. De acordo com Matthlesen (1994) a introdução do vôlei no Brasil se deu por meio da Associação Cristã de Moços.

A prática do voleibol inicialmente não teria grande difusão, a oferta da modalidade era apenas em poucos clubes, como o exemplo do Fluminense F.C (ANFILO, 2003), que proporcionou a vivência da prática através de torneios dirigidos, também pode-se citar o Santos Futebol Clube e Botafogo de Futebol e Regatas (LARANJEIRA, 2017), essa elitização da prática, somada a popularidade do futebol, fez com que até meados de 70, o voleibol sucumbiu à momentos de dependência e subordinação hierárquica nas administrações dos clubes (MARCHI, 2003).

Essa prática amadorista, e presente apenas nos clubes de elite, se tornou ainda mais evidente, quando em 1933 houve a profissionalização do futebol, logo, o voleibol, assim como todos os demais esportes amadores, tiveram um corte no seu crescimento (MEZZAROBA; PIRES, 2011b).

Em 9 de agosto de 1954 é fundada a CBV4 – Confederação Brasileira de Voleibol, “com o objetivo de difundir e desenvolver o esporte no país.” (ANFILO, 2003), com seu presidente sendo o ex-jogador Denis Rupert Hathaway. Esse período, apesar de ser ainda ter dificuldade na manutenção de uniformes dos atletas, material para a prática antigos, foi ainda sim benéfico para a difusão do esporte, pois foram criadas mais escolas de vôlei, tornando assim o acesso à prática mais fácil.

Quando assumiu a presidência da CBV, em 1975, o ex-jogador Carlos Arthur Nuzman, com sua ideologia de aliar o marketing ao esporte, e seus novos modelos administrativos que trariam uma melhora significativa para o voleibol no Brasil. Inegavelmente Nuzman foi a figura responsável pela “virada” do voleibol no Brasil, sua ideologia de mídias não só deu certo, como alavancou de forma exponencial o nível do esporte no âmbito nacional, como o próprio afirma:

A união esporte-televisão não poderia ter sido mais feliz. Desta união, resultaram a popularização do esporte, a difusão de seu caráter educativo e social, a inserção do esporte na vida cotidiana das pessoas através da ampla cobertura deste meio e maior promoção dos eventos a partir da garantia de retorno ao patrocinador. Contudo, também, a televisão é forçada a adaptar-se às exigentes demandas por parte do público. Bom para todos. A utilização de novas tecnologias e a maior sofisticação dos programas gera por parte das entidades que dirigem diversas modalidades esportivas a necessidade de produzirem melhores espetáculos e, portanto, se profissionalizarem. (NUZMAN, 1995)

Essa injeção de subsídios e investimentos permitiu que os atletas, agora recebendo salários, pudessem treinar de maneira integral, e como era de se esperar, o resultado foi positivo, na década de 1980, com que foi conhecida como a geração de prata, o vôlei brasileiro ganhou notoriedade com o título nos Jogos Pan-Americanos de 1983, e em 1984 o Brasil levou a medalha de prata para casa nas Olimpíadas de Los Angeles, podendo assim, trazer sua primeira medalha no vôlei.

Essa vitória aumentou ainda mais os investimentos no esporte, causando assim um avanço tático, que culminou no ouro olímpico em 1992, em Barcelona, trazendo assim a “geração de ouro”.

4.2. FUNDAMENTOS DO VOLEIBOL

Os Jogos esportivos coletivos são caracterizados pela alternância entre ataque e defesa, no qual cada equipe busca seu objetivo, seja ele a cesta, o gol ou ponto. O voleibol se distingue dos demais, pelo seu espaço de jogo característico, dividindo os times em duas quadras, fazendo com que o time só possa tentar pontuar quando a bola estiver do seu lado da quadra, e essa dinâmica rápida ocorre em

segundos, por isso, o aperfeiçoamento dos movimentos técnicos necessários para que o jogo ocorra, denominados de fundamentos.

A prática de qualquer esporte é precedida por técnicas específicas para que ocorra o jogo, essas técnicas são denominadas de fundamentos técnicos. Segundo HERNANDEZ (1968) “a técnica é o ponto de partida de todas as especialidades, é o estudo do gesto básico”, sendo assim, o princípio da aprendizagem de qualquer modalidade é o ensino dos fundamentos, e no voleibol segue esse princípio, porém, sua complexidade torna seu processo de ensino/aprendizagem necessário de mais atenção, por parte dos seus professores/treinadores, concorda-se com MIHAILESCU (1973):

Dizem que o voleibol é um dos esportes mais difíceis de aprender. Pode-se acrescentar que é um dos esportes mais difíceis de aprender bem. Esta dificuldade deve-se à complexidade de detalhes dos elementos técnicos e táticos e sobretudo ao tempo extremamente curto em que as ações devem ser realizadas.

Logo, é essencial que os fundamentos sejam trabalhados desde o início da prática dessa modalidade, apesar de não haver uma estrutura obrigatória para o ensino da modalidade, o que é visto com mais frequência é o ensino desses fundamentos em uma sequência em que eles acontecem no jogo, logo, de maneira que normalmente ocorre em um rally, temos o saque, recepção, levantamento, ataque, bloqueio e defesa.

O Saque seria o início de tudo, o fundamento que dá início a um rally, que só finalizará com o apito do arbitro, avisando que a bola está fora de jogo, e a espera para outro saque, logo, o saque seria “um golpe seco dado na bola, desde uma zona determinada, com o intuito de manda-la para o campo adversário”(HERNANDEZ, 1968, p. 38), a priori, era somente a ação de colocar a bola em jogo, e o único objetivo era passar a bola pra quadra adversária, para assim, após a recepção dar início ao jogo de maneira propriamente dita, isso era possível verificar com (PAPADIMITRIOU et al., 2004), quando afirmava que quanto melhor for a recepção do saque adversário (primeiro golpe) mais preciso o segundo toque, e mais eficaz era o ataque. E por muito tempo essa foi a primícia a ser seguida, porém, com o refinamento da técnica, começaram a surgir variações dos saques, com classificações relacionadas ao contato do pé de apoio com o chão, ou se o atleta sacava com mais potência e também sobre a trajetória da bola. Em relação a progressão do saque convencional, com os pés apoiados no chão e um golpe na bola com força suficiente para passa-la da rede,

para o saque flutuante, que se utilizava do conhecimento da resistência de objetos para com o vento, e sua velocidade, para criar um saque onde a bola variasse sua trajetória, dificultando a recepção da equipe adversária. Porém, manter-se no mesmo saque diminuiria a sua eficácia, então, surgiram mais variações, como o saque viagem ao fundo do mar, saque túnel de vento, e saques com rotações diferentes para mudar a trajetória da bola, em relação à sua direção ou encurtamento.

Como o próprio livro de regras da FIVB determina, “A bola deve ser golpeada com uma mão ou qualquer parte do braço depois de ser solta ou lançada pela(s) mão(s).”(BARBOSA; FUKUDA; CASANOVA, 2021), porém, como exemplificado acima, a evolução do esporte criou novas formas para a execução dessa técnica, e atualmente o saque mais comum visto nas ligas masculinas de voleibol é o saque viagem ao fundo do mar, que consiste no sacador realizar o golpe de ataque enquanto estiver saltando, para a amplitude do ataque e a força do mesmo ocasione um saque potente e rápido, que mire o fundo da quadra adversária, e também temos o saque por baixo, de maneira popular denominado de saque “copinho”, que é bastante utilizado na iniciação esportiva, pois nesse não precisa interceptar a bola na sua trajetória de descida, pois o aluno segura a bola com uma das mãos, e a bate com a outra, de baixo pra cima, pendulando o braço, afim que a bola faça uma parábola em sua trajetória para passar da rede.

“A recepção do saque é a ação pela qual a equipe recebe a bola da outra equipe, tomando cuidado para não deixá-la cair no chão e também defini-la com precisão para o levantador.”(PAPADIMITRIOU et al., 2004, p. 29), esse fundamento é denominado de passe, “se recebermos a bola e enviá-la a um companheiro de nossa quadra[...], efetuamos um passe” (HERNADEZ, 1968) o passe é o primeiro toque da equipe que está recebendo a bola do lado adversário, e pode ser realizado tanto de manchete, quanto de toque, cada um serve a uma função na hora do jogo, o passe de manchete, também era chamado de golpe de antebraço, e consiste no atleta na posição média ou baixa, isso depende da trajetória da bola, os braços totalmente esticados e firmes, uma mão por cima da outro, e juntas como se estivessem abraçando, e a bola deve tocar no antebraço, daí o nome, se possível nos últimos 10 cm antes da mão, HERNADEZ (1968), em um movimento de receber a bola no antebraço, absorvendo a força e passando para o adversário, já o passe de toque, deve ser feito elevando os braços acima da cabeça, levemente flexionados, com as mãos projetadas a frente do rosto, os dedos devem também estar levemente

flexionados, de forma a receber a bola com os dez dedos, flexionando as falanges rapidamente para absorver a força da bola, e lança-la ao parceiro esticando os braços, importante salientar que o movimento de toque, assim como o de manchete, não ocorre só nos braços, pois as pernas tem um importante papel na projeção de força para que a bola chegue no local desejado.

O levantamento é relacionado à um jogador específico, o levantador, que oficialmente ocupa posição 3 da quadra. O levantamento é a segunda bola do jogo, no qual o levantador é responsável por enviar a bola em uma posição boa e criar uma oportunidade de ataque, tornando a bola acessível e facilmente atacável para os jogadores da equipe. Quando tratamos da importância de um bom levantamento para que o ataque seja bem sucedido, entendemos a complexidade que perpassa por esse fundamento, e também a pressão psicológica acometida a esse jogador, uma vez que “O levantador é o jogador-chave” de um time de vôlei. São eles que entram em contato com a bola 1/3 das vezes e afetam muito o desempenho do time” (PAPADIMITRIOU, K. *et al.*, 2004). Além disso, como a quantidade de vezes que o levantador toca na bola durante o jogo, é importante salientar que todos esses toques devem ser realizados com uma precisão técnica já pré-estabelecida pelas regras, por exemplo, é preferível que o levantamento seja de toque, taticamente falando, o toque permite maior controle e precisão do direcionamento da bola, e apenas em último caso, ocorre o levantamento por manchete, porém, essa propensão ao toque, faz com que o levantador precise ter esse fundamento técnico apurado, pois o mesmo não pode realizar dois toques ao realizar o movimento, pois é uma infração, e o ponto é dado ao adversário, então, quando olhamos para o panorama geral de um rally, essa infração de dois toques não ocorre no 1º toque do time, ou uma manchete pode não ser bem realizada e a bola ir pra longe do levantador, ou o atacante pode saltar errado, ou não encaixar a mão na bola, porém, todos esses erros tem a possibilidade de serem concertados durante o jogo, outro jogador pode correr atrás do “passe quebrado”, o atacante pode pingar a bola ao invés da cortada, mas quando o levantador erra o movimento de levantamento, acomete uma infração para seu time, por isso, o treinamento desses jogadores tem um cunho mais tecnicista, e repetitivo, fato que pode-se observar nos processos de treinamento de qualquer time.

O ataque, segundo Barbosa; Fukuda; Casanova (2021), é caracterizado por todas as ações que enviem a bola para o adversário, excetuando o saque e o bloqueio, são consideradas como golpes de ataque (Barbosa, Fukuda; Casanova, 2021). O

“golpe de ataque”, é chamado de cortada, e o mais conhecido para essa definição, será nosso ponto de partida para discorrer sobre esse fundamento.

Provavelmente o fundamento “mais atraente” para quem o assiste e deseja praticar, porém, sua escala de complexidade elevada, faz com que seja um dos fundamentos que mais se deve ter atenção. Existe uma sequência de movimentos a serem executados no ataque, sendo eles a passada, onde o atleta se prepara, se aproxima da bola e impulsiona o corpo, o salto, o golpe na bola, que se caracteriza por um golpe seco e rápido com uma das mãos, e pôr fim a aterrissagem.

A primeira linha defensiva para um ataque, é o bloqueio, que é caracterizado por ser “a ação dos jogadores próximos à rede para interceptar a bola vinda do adversário” (BARBOSA; FUKUDA; CASANOVA, p. 34), o livro de regras da FIVIB define a ação como:

Estendendo-se acima do bordo superior da rede, não importando a altura que é feito o contato com a bola. Somente aos jogadores da linha de frente é permitido completar um bloqueio, desde que no momento do contato com a bola, parte do corpo esteja mais alta que o bordo superior da rede. (BARBOSA; FUKUDA; CASANOVA, p. 34).

Assim como toda a ação do jogo, o bloqueio tem sua função tática, não sendo apenas um gesto mecânico, e essa função muda de acordo com a intenção dos bloqueadores, podendo ser um bloqueio defensivo, quando a função do bloqueio é amortecer a bola, diminuindo sua velocidade, para o seu time receber a bola e montar um contra-ataque, normalmente posicionando as mãos mais abertas e a parte frontal para cima, formando um tipo de prato, ou o bloqueio pode ser ofensivo, quando sua única finalidade é a obtenção direta do ponto, interrompendo o ataque adversário e direcionando a bola para o chão, a nível profissional, raramente um bloqueio é feito por um só jogador, que seria o bloqueio simples, porém, com a especialização do ataque, ficou cada vez mais difícil fazer a leitura do movimento do atacante, para assim prever a trajetória da bola, por este motivo o mais comum são bloqueios duplos ou triplos, onde os jogadores buscam fechar tanto a trajetória paralela da bola, quanto sua diagonal.

Para Silva (1997) a defesa no voleibol pode ser definida como a ação de recuperar as bolas vindas do ataque adversário que ultrapassam o bloqueio, e criar condições para o contra-ataque, ou seja, toda a ação realizada para manter a bola em jogo, após o ataque da equipe adversária pode ser considerado defesa. Sendo exemplos a manchete, mas também há outras técnicas que não necessariamente são um fundamento, mas estão presentes e são cruciais para que uma boa defesa ocorra,

como o mergulho (peixinho), muito comum visto com o líbero, que é o especialista em defesa do time, também tempos a cobertura do bloqueio, que é quando os jogadores próximos ao bloqueio se posicionam perto para evitar que a bola caia por uma finta, também há golpes na bola com o pé por exemplo, em suma, manter a bola em jogo após o ataque inimigo é definido como defesa.

4.3. METODOLOGIAS DE ENSINO DO VOLEIBOL

4.3.1 MÉTODOS TRADICIONAIS

Os jogos esportivos coletivos (JEC's), definidos por Garganta (1998) é o confronto entre duas formações, duas equipas, condicionadas pelo cumprimento de um regulamento, que se dispõem de uma forma particular no terreno de jogo e se movimentam, com o objetivo de vencer. Os JEC's podem apresentar certas semelhanças em suas características constituintes, como ideais de técnica e tática, com fundamentos compartilhados em suas essências entre eles. Também atrelada a individualidade de quem se propõe a praticá-los, desde a iniciação ao esporte, até a completa dedicação do indivíduo, na busca por profissionalização e rendimento do alto nível, torna o processo de ensino das mesmas um ponto de estudos essencialmente necessário para o desenvolvimento do ambiente acadêmico. Essa proposição nomeou-se como metodologia do ensino, comentada por Libâneo (2009) como a ação do professor, ao dirigir e estimular o processo de ensino em função da aprendizagem dos alunos, quando utiliza intencionalmente um conjunto de ação, passos, condições externas e procedimentos. Sendo assim, podemos entender método como “a forma que se desenvolve tal prática”, e no nosso caso, a prática do ato de ensinar.

Para Oliveira (2020) método, então, seria um “caminho” utilizado pelos professores para se alcançar determinados objetivos pedagógicos. Este debate sobre a metodologia de ensino já perpassou por vários autores, como Bayer (1994), ao afirmar coexistir a sucessão de duas correntes pedagógicas opostas, as tradicionais ou didáticas e as ativas.

Quando se aborda as metodologias tradicionais, as primeiras a serem relatadas são a Parcial e Global, das quais iremos discorrer a seguir.

4.3.2 METODOLOGIA PARCIAL (ANALÍTICA)

A Metodologia Parcial surgiu da necessidade dos treinadores de fazer com que os atletas melhorassem sua técnica, entendida como “o conjunto de processos bem definidos e transmissíveis que se destinam à produção de certos resultados.”(GARGANTA, 1998), que ainda refina ainda mais sua definição, quando relacionada aos JEC’s “Trata-se de uma motricidade especializada e específica de uma modalidade desportiva que permite resolver de uma forma eficiente as tarefas do jogo.”(GARGANTA, 1998), afinal, tomando como exemplo do vôlei, a importância de se fazer uma boa manchete na recepção da bola vinda do adversário, está diretamente ligada ao levantamento da sua equipe, sendo assim, a preparação para o ataque. Papadimitriou et al. (2004), afirma que quanto melhor a recepção do saque dos adversários (primeiro golpe), mais preciso será o segundo toque e mais eficaz foi o ataque. No método parcial “busca-se o desenvolvimento das habilidades técnicas e dos fundamentos necessários para posição e para as diferentes situações do esporte por etapas” (SALVADOR, 2016, p. 60). Portanto, isso é realizado através da fragmentação do jogo, como o próprio nome sugere, o ensino é dividido em partes. Segundo Tenroller e Merino (2006) esse método consiste em ensinar uma destreza motora por partes para, posteriormente, uni-las entre si, ou seja, para o ensino do vôlei, o aluno deve aprender os fundamentos de forma separada a situação do jogo, e esse fundamento ainda é “subdividido, segundo o modo pelo qual as partes serão ligadas posteriormente (XAVIER, 1986).

Também podemos definir que esse método utiliza a repetição de séries de exercícios dirigidos ao domínio das técnicas, consideradas como elementos básicos à prática do jogo e à obtenção do êxito na ação (TOLVES; DELEVATI; SAWITZKI, 2014, p. 86).

Quando falamos sobre as vantagens de usar esse método, tendo em vista o âmbito do vôlei, voltamos ao ponto anteriormente discutido sobre a não naturalidade dos movimentos que envolvem o jogo, logo, a prática fragmentada, passando por cada parte desse movimento, trabalhando suas nuances, tem uma porcentagem de absorção do conteúdo trabalhado maior, do que deixar os praticantes em situações de jogo, quando não sabem ou até sabem, mas não dominam os fundamentos do esporte. Outra vantagem é a facilitação do processo de verificação de erros do atleta, tendo em vista a fragmentação, a observação das ações do atleta se torna mais fácil, sendo assim, melhor a identificação de algum erro técnico, bem como sua correção. Para Tolves; Delevati e Sawitzki (2014), o benefício é que isso oportunizará ao

professor trabalhar por estágios, respeitando, assim, o ritmo de aprendizagem de cada aluno.

Porém, há desvantagens a serem relacionadas a essa metodologia, podemos destacar Junior (2015):

Neste contexto, são poucas as oportunidades para que a criança estabeleça relações entre os gestos aprendidos e as situações-problema de jogo, podendo dificultar nas tomadas de decisões nas imprevisíveis situações que o jogo possa vir a apresentar.

Essa imprevisibilidade do jogo faz com que o método seja vantajoso nas questões técnicas, porém, a tática deixa a desejar, outro fator é a monotonia causada pela repetição dos fundamentos, acarretando uma resistência do atleta/aluno a continuar praticando por uma carga horária mais estendida, abandonado assim a prática.

Numa situação prática desta metodologia aplicada em uma aula/treinamento de voleibol, no nível de iniciação esportiva, o aluno aprenderá os fundamentos em uma sequência lógica ao qual eles aparecem no jogo, como citado anteriormente, saque-passe-levantamento-ataque-bloqueio-defesa. Essa sequência ainda se fragmentará mais, quando em cada fundamento o professor ensinar cada particularidade dele, de forma isolada, como por exemplo, o passe, será uma aula só de manchete, ou de toque, e só após os alunos apresentarem um determinado nível de aproveitamento e compreensão sobre aquele determinado fundamento, o professor passará para a próxima etapa. Esse processo pode variar em relação ao tempo, isso dependerá do aluno, respeitando sua individualidade biológica, para ao final do treino de todos os fundamentos, só então juntar todo o conhecimento para a aplicação no jogo.

4.3.3 METODOLOGIA GLOBAL

A partir do método global busca-se, através do próprio jogo, desenvolver as habilidades e qualidades necessárias da modalidade (SALVADOR, 2016). Quando, “no início dos anos sessenta/setenta do século XX, as metodologias de ensino baseadas no

método analítico deram espaço para o método global, com ênfase no jogo” (LAGES, 2018), também após verificar o trabalho das especificidades através da fragmentação da tarefa, e perceber o déficit tático gerado pela mesma, outra

metodologia tradicional que pode ser trabalhada é a global, a qual foi a resposta a fragmentação analítica, pois agora o jogo é ensinado através do próprio jogo, que seria “uma aproximação ao jogo pelo jogo em si” (LAGES, 2018).

O aluno inicia o processo de aprendizagem já na prática esportiva, na constante em que todas as habilidades que seriam necessárias para sua prática, serão aprendidas conforme o aluno/atleta vivencia, experimenta e desenvolve todo o universo envolvente de uma prática através da própria. Essa metodologia de ensino se dá através dos “jogos de iniciação geral, jogos direcionados e jogos pré-desportivos” (LAGES, 2018, p. 23). Logo, a gama de possibilidades de aprendizado cresce exponencialmente, quando comparada a prática através da repetição dos gestos motores, tendo em vista que agora o aluno participará de situações reais, dentro de um ambiente de jogo, sendo essas situações controladas ou não, com ênfase na resolução de problemas, isso gera um aprimoramento técnico-tático de maneira simultânea.

O princípio básico do método global está na iniciativa, imaginação e reflexão que os alunos deverão apresentar a partir de jogos situacionais, levando-os a lidarem com contextos instáveis e a compreender princípios do jogo (JUNIOR, 2015).

As vantagens da utilização do método global são diretamente relacionadas as desvantagens do método analítico, uma vez que ele foi pensado para contrapor os problemas presentes no seu antecessor, onde havia toda uma preparação, passando por cada fundamento individualmente, para após isso haver um jogo já no método global, a participação do aluno já começa desde cedo, com situações de jogo uma vez que ele não precisa passar horas repetindo gestos motores para no fim tentar juntar todos, para aí ter uma prática.

Nessa metodologia, a técnica e tática andam juntas, logo, o aluno tende a necessitar estar mais atento e focado, diminuindo assim as chances de dispersão ou uma possível monotonia, e isso torna a motivação da prática suficiente para que o aluno continue buscando aprender mais, porém, há uma correlação entre a busca do aluno em melhorar suas habilidades, e a demora na percepção de resultados tangíveis, uma vez

que essa generalização da prática pode gerar um subdesenvolvimento da técnica, desmotivando o aluno.

A falta de planejamento do professor/técnico no método global, pode negligenciar fatores importantes como a adequação individual de quem está

aprendendo a modalidade, prejudicando ainda mais a análise avaliativa do professor, podendo tardar os ajustes necessários e correções para que ocorra o desenvolvimento, também afirma Costa; Nascimento (2004) que quando relacionado ao método global a crítica se refere à liberdade excessiva, tão evidente no “deixar jogar” existente nas aulas de educação física.

Para trabalhar essa metodologia nas aulas de voleibol, o professor pode realizar atividades que mais se aproximem do jogo, atividades pré-desportivas, um exemplo são os já bem disseminados, mini jogos, nos quais o professor trabalhará com reduções do jogo, podendo ser no ambiente, ou seja, podendo reduzir o tamanho da quadra, para que os atletas tenham menos espaço vazio em quadra, aumentando sua chance de contato com a bola, também pode-se colocar implementos, como alvos na quadra adversária para serem acertados. Outra modificação comum é o número de participantes em quadra, e isso depende do objetivo que se pretende alcançar, e o nível dos alunos, pois em uma quadra padrão (18m x 9m) onde o número oficial de jogadores seriam seis, o professor pode aumentar o número de alunos, seguindo o mesmo objetivo de diminuir o espaço vazio na quadra, diminuindo as chances da bola cair no chão, e conforme as habilidades técnicas dos alunos aumenta, o número de jogadores diminui, pois a movimentação dentro de quadra também é um fator importante, até o jogo reduzir mais do que o tradicional, para 4x4, 3x3, 2x2 e até um confronto 1x1 onde o atleta poderia realizar os 3 toques sequencialmente. As possibilidades para a prática no método global dependem apenas do professor/treinador, e de sua aplicação.

4.3.4 METODOLOGIA MISTA

Apesar das divergências desses métodos, houve ainda a formulação de uma possível solução para essa contraposição, a denominada metodologia mista, sendo ela a evolução e integração de metodologias anteriores, não tendo apenas um autor reivindicando sua autoria, pois foi uma evolução gradativa e natural do que já existia no campo das metodologias, que culminou, segundo Rochefort (1998) na síntese do método global e parcial. “Nesse método, a técnica é aplicada de forma separada, e quando se atingir um nível adequado, executa-se o jogo por completo” (COSTA, Luciane; NASCIMENTO, 2004, p. 52). Essa junção dos métodos, por ter sido gradual, acabou que se tornando carro chefe do leque de possibilidades metodológicas da

maioria dos profissionais, e isso é possível verificar na estrutura de planos de aula da atualidade, que se dividem em parte teórica, com conteúdo, regras e histórico, uma introdução à prática com o ensino/aprendizado dos fundamentos, jogos pré-desportivos, e por fim o jogo propriamente dito.

Como é de se esperar, as vantagens da utilização desse método, são as mesmas de qualquer outra hibridização, que é a eliminação dos defeitos dos seus antecessores, e a junção dos pontos positivos dos mesmos, criando assim um ambiente que proporciona um aprendizado técnico suficiente para a aplicação prática, e preparação tática das situações de jogo. Já “A desvantagem pode estar ligada ao planejamento, visto que o professor deve ter um grande controle, para que a alternância de exercícios não se torne confusa e prejudique a aprendizagem de certa habilidade” (COSTA, 2003).

Para a aplicação prática desse método, como antes citado, o professor deve estar atento ao planejamento de suas aulas, segmentando os conteúdos, não deixando o aluno com muita “liberdade”, a ponto de desvencilhar do objetivo proposto, um exemplo dessa junção dos métodos parcial e global, em uma aula com o método misto seria:

- Método parcial:
 - Ensino dos fundamentos do saque, levantamento, ataque e defesa;
 - Prática dos fundamentos em situações controladas.
- Método global:
 - o Jogo de voleibol reduzido;
 - o Avaliação da aprendizagem.
 -

4.3.5 METODOLOGIAS CONTEMPORÂNEAS

“Com avanços nas perspectivas cognitivistas e construtivistas, forjaram-se modelos que ampliaram o ensino dos jogos esportivos aos conceitos da tática” (LAGES,2018), essa contraposição aos métodos tradicionais, buscando agora o ensino através da tática, trouxe a criação de novos modelos de ensino, agora denominados na categoria de contemporâneos, os quais saíram da inicial estruturalização de todas as habilidades para depois entrar na prática desportiva, e

buscavam manter relacionados o ensino aprendizagem-treinamento da técnica e da tática, fazendo-se entender que o sucesso do indivíduo, também necessitaria de uma metodologia que trabalhasse o esporte como um todo.

4.3.6 TEACHING GAMES FOR UNDERSTANDING (TGfU)

Esta visão mais ampla sobre o esporte, e o “estado de jogo”, inicialmente trabalhada por Bunker e Thorpe (1986), demonstrou que “ao tomar uma decisão tática, o aluno deve concluir: o que fazer, porque fazer, como fazer, quando fazer, onde fazer” (CONCEIÇÃO, 2021), desta forma, o ensino da tática através das situações de jogo seria o melhor caminho para percorrer. Segundo Bolonhini e Paes (2009) o TGfU propõe uma forma de ensino contextualizada, isto é, sugere que as aulas de iniciação esportiva se baseiem em jogos reduzidos. As alterações que podem ser feitas no jogo, dependem das necessidades dos alunos, e da análise do professor. Ou seja, pode ser na redução do jogo, no número de jogadores, no espaço, no tempo do jogo, que sejam adaptados, de melhor compreensão ao jogo formal, porém, é importante que, entretanto, a estrutura tática destes jogos deve ser semelhante à do jogo formal (BOLONHINI; PAES, 2009), afinal, o foco está na aprendizagem e compreensão da tática relacionada ao jogo.

Porém, não é apenas a aplicação de jogos reduzidos, existe uma estruturalização de como e porque os jogos devem ser utilizados, para Bolonhini e Paes, (2009) é importante que o professor realize uma análise das ações dos alunos durante os jogos e, após identificar os problemas táticos, elabore uma sequência de atividades que possam solucionar estes problemas. As sequências são em dificuldade progressiva, ao passo que os alunos realizam com maior facilidade as atividades a eles propostas, o professor deve aumentar a complexidade das situações-problema em o aluno se encontrará.

Essas modulações, e criação de um ambiente e situações de jogo mais próximas da realidade o possível, permitem que “ao jogar, a criança aprende a lidar com os

companheiros, com os adversários, com situações de adversidade que requerem inteligência e criatividade para serem solucionadas, aprende a importância das regras, a necessidade de conviver com as diferentes emoções que o jogo ocasiona” (BOLONHINI; PAES, 2009).

As intervenções do professor também são diferentes do que seriam no ensino analítico, no qual seriam corrigidos os gestos técnicos, no TGfU, o professor deve

fazer intervenções como forma de perguntas, que levem o aluno a refletir, e analisar de maneira crítica a situação ao qual se encontra, afim do próprio aluno propor maneiras de solucionar a situação. Para Bolonhini e Paes (2009) as habilidades do aluno são construídas a partir do contexto do jogo, ou seja, as situações acabam promovendo uma compreensão e um conhecimento mais abrangente acerca da lógica do jogo.

Para nortear a prática esportiva por meio deste método, Holt, Streat e Bengoechea (2002) apud Torp et al (1984), definiram quatro princípios pedagógicos fundamentais:

- Amostragem: “baseia-se na premissa de que os jogos devem ser selecionados para que uma variedade de experiências possa ser oferecida, e existem possibilidades para mostrar semelhanças entre jogos aparentemente diferentes, tudo levando a uma compreensão muito melhor dos jogos em geral” (HOLT; STREAN; BENGOCHEA, 2002). Este princípio é a chave para o método, pois com ele, pode-se ensinar diferentes jogos, independente do seu sistema, classificação, regras e etc., pois as estratégias do ensino com amostragem, demonstram que habilidades aprendidas em um jogo, podem ser transferidas no ensino de outro.
- Modificação por Representação: Nesta modificação, os jogos são desenvolvidos contendo as mesmas características dos jogos tradicionais, “representando” o jogo, mas com alterações que facilitem o ensino, com o jogo sendo na mesma estrutura do adulto, mas com modificações para o tamanho das crianças, como tamanho, idade e nível de habilidade (HOLT; STREAN; BENGOCHEA, 2002) como por exemplo o minivoleibol, que aumentará as possibilidades fechadas de acontecerem problemas, a serem resolvidos.
- Modificação por Exagero: Esta modificação segue o padrão de minijogos, porém, alterando aspectos do jogo tradicional, exagerando naquilo que se quer melhorar, “com números reduzidos, modificação de equipamentos, e etc.” (HOLT; STREAN; BENGOCHEA, 2002), exemplos a serem dados no vôlei são os jogos com mais de uma bola, enquanto no jogo tradicional ocorre apenas com uma bola, na adaptação por exagero, aumenta-se o número de bolas, e qual seria a situação

problema? O aluno deve dividir o foco entre a ação que está realizando no momento, e a possibilidade de outra bola vir de encontro a ele.

- Complexidade tática: As formas de jogo devem progredir gradualmente, e diretamente ligadas ao número de membros, quanto mais complexo, mais o número de membros da atividade se aproxima do tradicional, podendo até ultrapassar o número pré-determinado pelo regulamento do jogo trabalhado, para assim regular o grau de complexidade do jogo. Para Holt, Streat e Bengoechea (2002) existe uma forte ligação entre complexidade tática e exagero, porque um jogo em sua forma completa é complexo, mas pode ser simplificado taticamente através do exagero.

Uma das vantagens da utilização desta metodologia, é por ela ser uma pedagogia inovadora no ensino de esportes e jogos. A sua ênfase na compreensão dos princípios subjacentes e na tomada de decisões dos jogadores tem demonstrado benefícios significativos. Ennis (2014) destaca que o TGfU promove um maior envolvimento dos alunos, uma compreensão mais profunda das táticas e estratégias do jogo e uma melhoria na motivação. Além disso, essa metodologia se alinha com as diretrizes pedagógicas modernas, encorajando o aprendizado ativo e crítico, o que é fundamental no desenvolvimento dos estudantes.

No entanto, é importante reconhecer que o TGfU também apresenta desafios e desvantagens. Estudos como o de Mitchell et al. (2006) apontam que a implementação do TGfU pode ser complexa e exigir um maior tempo de planejamento por parte dos professores. Além disso, a avaliação do aprendizado no contexto do método pode ser um desafio, pois a ênfase na compreensão e nas tomadas de decisões nem sempre é facilmente mensurável em comparação com abordagens mais tradicionais.

Na aplicação do TGfU em uma aula de voleibol, os alunos não apenas aprendem as técnicas básicas do jogo, mas também desenvolvem uma compreensão mais profunda das táticas e estratégias envolvidas. Por exemplo, em vez de apenas ensinar a técnica de um saque por cima, o professor pode criar um jogo de voleibol modificado no qual os alunos devem considerar estrategicamente quando e onde sacar para ganhar pontos. Isso promove uma compreensão mais ampla das táticas de saque, como a escolha do alvo e o *timing*. Ao longo das aulas, os alunos se envolvem em jogos progressivamente mais complexos, o que os ajuda a desenvolver habilidades cognitivas, como tomada de decisões e trabalho em equipe, ao mesmo

tempo em que aprimoram suas habilidades técnicas no voleibol, progressivamente, ao passo que desenvolvem as habilidades táticas.

4.3.7 SPORTS EDUCATION

Outra possibilidade para o ensino do voleibol é a metodologia dos *Sports Education*, “foi em 1982 que Siedentop, numa conferência proferida no âmbito do Commonwealth Games, em Brisbane, propôs, pela primeira vez, a criação de *Sport Education*” (GRAÇA; MESQUITA, 2007), com o objetivo de proporcionar ao aluno uma experiência autêntica quando relacionada ao esporte. Ele elaborou a abordagem do *Sports Education* ou Metodologia da Educação Desportiva (MED) como uma estrutura educacional que visa promover o desenvolvimento holístico dos alunos, não apenas em termos de habilidades esportivas, sendo elas tecnicistas ou focadas no ensino pelo jogo, mas também em aspectos como valores, tomada de decisões e cidadania.

Para Gouveia *et al.* (2020) na Educação Física, o MED vem responder de uma forma muito prática ao desafio de adotarem-se metodologias mais ativas de ensino com o objetivo de motivar e tornar o processo de ensino-aprendizagem mais significativo para o aluno.

A integração do *Sports Education* nas aulas de voleibol representa um avanço significativo na pedagogia esportiva e no desenvolvimento holístico dos alunos, uma vez que “aposta na democratização e humanização do Desporto” (GRAÇA; MESQUITA, 2007). Esta abordagem, fundamentada na teoria do ensino através do esporte, proposta por Siedentop (1994), busca não apenas o desenvolvimento das habilidades motoras, mas também a formação de cidadãos ativos e socialmente responsáveis. Ao adotar o *Sports Education*, os professores/treinadores têm a oportunidade de contextualizar o esporte de forma a promover a aprendizagem significativa, estimulando o pensamento crítico, a tomada de decisões e o trabalho em equipe.

A inclusão de elementos do modelo *Sports Education* nas aulas de voleibol também tem o potencial de atender às diretrizes atuais da educação física escolar. Além disso, a progressão pedagógica, como proposta por Siedentop (1987), permite que os alunos adquiram um conhecimento mais aprofundado sobre o esporte, suas regras e táticas ao longo do tempo. Isso contribui para uma compreensão mais ampla do voleibol e seu valor não apenas como uma atividade recreativa, mas também como uma prática esportiva que exige tomada de decisões estratégicas.

A ressignificação do esporte, para o ambiente escolar, torna viável que alunos que normalmente não participariam ativamente por não serem “dotados” das habilidades técnico/táticas necessárias para sua prática, agora possam participar, de maneira mesmo que indireta com a prática, exercendo outros papéis, além do atleta.

Uma das desvantagens a ser apontada, é que nem todos os alunos irão vivenciar o esporte na prática, participando e jogando. Enquanto na metodologia analítica todos os alunos participam, aprendendo a técnica separadamente, e nos modelos globais e mais contemporâneos os alunos aprendem através das próprias situações de jogo. No MED, a possibilidade da participação indireta, faz com que os alunos que participaram indiretamente não vivenciem o esporte como praticantes, mas apenas como entusiastas.

A aplicação do método pode ser observada nos jogos escolares, nos quais as turmas se reúnem, definem quem serão os atletas, no vôlei destacaríamos 6 de cada turma, com possibilidade de um número reduzido de atletas, porém, os outros alunos participariam, na organização, no evento, na comissão técnica, arbitragem, e até alunos responsáveis por fotografias, registros, narrações, e conferência dos dados pós evento.

Como é possível observar, este método integra todos os alunos na participação da modalidade a ser trabalhada, é importante salientar que para tal, a preparação e planejamento do professor deve ser prévio e pensando em várias possibilidades, pois mesmo que de ordem técnica pareça mais simples, os alunos devem estar a par da história, fundamentos, regras, da organização de eventos, logo, o trabalho a longo prazo se torna mais complexo, porém, bastante proveitoso quando bem aplicado.

4.3.8 OUTRAS POSSIBILIDADES

Apesar das abordagens listadas anteriormente nesse trabalho serem as mais comuns de serem trabalhadas pelos professores, por serem as mais famosas, por assim dizer, ainda há um número ainda maior de abordagens que podem ser trabalhadas pelo professor.

Ainda nas abordagens tradicionais de ensino, existe o método misto, que tentava conciliar os pontos positivos das metodologias analítica e global, porém, nas abordagens contemporâneas também é possível ver essas junções através da hibridização de dois métodos já bem difundidos, utilizando-se de seus pontos positivos, um exemplo das próprias abordagens já citadas, é a hibridização do Sports

Education com o TGfU, como afirma González *et al.*(2020) os modelos SE e TGfU são modelos pedagógicos complementares, pois compartilham alguns objetivos, conceitos e processos pedagógicos, González *et al.*(2020) conclui que

Os resultados deste estudo sugerem que uma unidade de ensino híbrida SE/TGfU pode ser um recurso pedagógico eficaz em Educação Física para melhorar os processos motivacionais dos alunos, especialmente aqueles que apresentam uma motivação inicial baixa ou moderada no início da intervenção. Com base nisso, parece que a hibridização desses modelos pedagógicos centrados no aluno poderia promover o design de intervenções mais inclusivas, que favoreceriam a aquisição de experiências mais positivas por todos os alunos nas aulas de Educação Física.

Outra possibilidade é o treinamento situacional (GRECO, 1997), que trabalha diferentes exigências através de situações de jogo realistas e específicas durante o treinamento, a fim de desenvolver as habilidades e o entendimento tático dos jogadores.

O treinamento situacional de Greco envolve a criação de cenários de jogo que imitam situações reais que os jogadores enfrentam em partidas. Isso pode incluir práticas de ataque contra defesa, jogadas de transição, situações de pressão e muitos outros aspectos do jogo. A ideia é que os jogadores aprendam e aprimorem suas habilidades enquanto enfrentam desafios semelhantes aos que encontrarão em jogos reais.

Essa abordagem visa aprimorar o entendimento tático dos jogadores, melhorar a tomada de decisões e desenvolver habilidades específicas em contextos de jogo reais

O modelo desenvolvimentista (RINK, 1993) referenciado por Rink e citado por Graça e Mesquita, é uma abordagem pedagógica no contexto do ensino e treinamento esportivo, que se concentra no desenvolvimento holístico dos atletas, levando em consideração não apenas o aspecto técnico e físico, mas também o psicológico, social e emocional.

Essa abordagem tem como objetivo principal promover o crescimento e o desenvolvimento integral dos atletas, em vez de apenas se concentrar em aspectos específicos do desempenho esportivo. Ela reconhece a importância de considerar o estágio de desenvolvimento individual de cada atleta e adaptar o treinamento de acordo.

No contexto do esporte, o modelo desenvolvimentista busca criar um ambiente que permita aos atletas explorar, experimentar e aprender, não apenas as habilidades

técnicas e táticas, mas também os valores e as habilidades de vida que podem ser adquiridos por meio da prática esportiva. Isso inclui o desenvolvimento de habilidades de comunicação, trabalho em equipe, resolução de problemas e resiliência.

Em resumo, o modelo desenvolvimentista se concentra no desenvolvimento global dos atletas, promovendo não apenas o sucesso esportivo, mas também o crescimento pessoal e social.

5. CONCLUSÕES

A partir da revisão realizada conclui-se que a escolha da abordagem a ser utilizada pelo professor para o ensino do voleibol pode depender de vários fatores. Esses fatores incluem o nível de habilidade dos alunos, os objetivos do ensino, as condições de prática e os recursos disponíveis. Quando se trabalha com a iniciação, o primeiro contato dos alunos através de jogos, e atividades que tenham sentido, quando relacionadas ao jogo, torna o processo de adaptação mais fácil para o mesmo. Porém, em um esporte como o voleibol, a repetição dos gestos mecânicos no ensino dos fundamentos técnicos pode ser utilizada para o aperfeiçoamento e refinamento dos mesmos. Além disso, após a apresentação das abordagens, bem como suas vantagens e desvantagens, e onde cada uma é melhor aplicada, conclui-se que o professor jamais

deve parar de pesquisar, e aprender, não só novas metodologias, mas também maneiras inovadoras de trabalhar as abordagens tradicionais.

6. REFERÊNCIAS

ANFILO, Milton Aparecido. **A prática pedagógica do treinador da seleção brasileira masculina de voleibol: processo de evolução tática e técnica na categoria infantojuvenil.** 2003.

BARBOSA, Fernanda; FUKUDA, Flavio; CASANOVA, Pedro. **Regras Oficiais de Voleibol 2021-2024** Publicado pela FIVB em 2021 www.fivb.com Desenho, formato e ilustrações: © FIVB 202. 2021.

BIZZOCCHI, Carlos; REZENDE, Bernardo. **O voleibol de alto nível: Da iniciação à competição.** Edição revisada e atualizada. [S. l.]: Editora Manole, 2016.

BOLONHINI, Sabine Zink; PAES, Roberto Rodrigues. **A PROPOSTA PEDAGÓGICA DO TEACHING GAMES FOR UNDERSTANDING: REFLEXÕES SOBRE A INICIAÇÃO ESPORTIVA.** PENSAR A PRÁTICA, 2009.

CONCEIÇÃO, Mario Cezar de Souza Costa. **Comparação dos efeitos do método TGfU sobre a performance do jogo, a tomada de decisão e a execução de habilidades motoras de estudantes em três diferentes esportes de invasão.** 2021. 101 f. Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2021. Disponível em:

<https://www.bdtd.uerj.br:8443/bitstream/1/16763/2/Tese%20-%20Mario%20Cezar%20de%20Souza%20Costa%20Concei%c3%a7%c3%a3o%20-%202021%20-%20Completa.pdf>. Acesso em: 30 out. 2023.

COSTA, CLAITON FRAZZON. **FUTSAL - APRENDA A ENSINAR**. [S. l.]: VISUAL BOOKS, 2003.

COSTA, Francisco Alberto Arruda Carreiro da. **O sucesso pedagógico em educação física: estudo das condições e factores de ensino-aprendizagem associados ao êxito numa unidade de ensino**. 1988. 142 f. doctoralThesis – Faculdade de Motricidade Humana de Lisboa, 1988. Disponível em: <https://www.repository.utl.pt/handle/10400.5/8843>. Acesso em: 21 out. 2023.

COSTA, Luciane; NASCIMENTO, Juarez Vieira. **O ENSINO DA TÉCNICA E DA TÁTICA: NOVAS ABORDAGENS METODOLÓGICAS**. 2004. Disponível em: <https://mid.curitiba.pr.gov.br/2016/00179444.pdf>. Acesso em: 11 out. 2023.

ENNIS, Catherine D. **What Goes Around Comes Around ... Or Does It? Disrupting the Cycle of Traditional, Sport-Based Physical Education. Kinesiology review (Champaign, Ill.)**, v. 3, n. 1, p. 63, fev. 2014. <https://doi.org/10.1123/kr.2014-0039>.

GARCÍA-GONZÁLEZ, Luis; ABÓS, Ángel; DILOY-PEÑA, Sergio; GIL-ARIAS, Alexander; SEVIL-SERRANO, Javier. **Can a Hybrid Sport Education/Teaching Games for Understanding Volleyball Unit Be More Effective in Less Motivated Students? An Examination into a Set of Motivation-Related Variables. Sustainability**, v. 12, n. 15, p. 6170, 31 jul. 2020. <https://doi.org/10.3390/su12156170>.

GARGANTA, Julio Manuel. **O ENSINO DOS JOGOS DESPORTIVOS COLECTIVOS. PERSPECTIVAS E TENDÊNCIAS**. *Movimento*, v. 4, n. 8, p. 19– 27, 1998. <https://doi.org/10.22456/1982-8918.2373>.

GOUVEIA, Élvio Rúbio; LOPES, Helder; RODRIGUES, Ana; QUINTAL, Tomás; PESTANA, Marcelo; ALVES, Ricardo; CORREIA, Ana; GOUVEIA, Bruna; MARQUES, Adilson; IHLE, Andreas. **O modelo de educação desportiva: uma alternativa a considerar no ensino da educação física**. *Educação, artes, cultura: discursos e práticas*, p. 203–216, 2020. .

GRAÇA, Amândio; MESQUITA, Isabel. **Modelo de jogos no ensino esporte**.pdf. v. 7, n. *Rev Port Cien Desp*, p. 401–421, 2007. .

GRECO, Pablo J. **PROPOSTA DE UM MODELO PARA SISTEMATIZAÇÃO DO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM-TREINAMENTO TÁTICO NOS**

JOGOS ESPORTIVOS COLETIVOS. Kinesis, 1997. DOI 10.5902/231654648191. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/kinesis/article/view/8191>. Acesso em: 5 nov. 2023.

HERNADEZ, Manuel. **Voleibol.** MADrid: Doncel, 1968. v. 1, .

HOLT, Nicholas; STREAN, William; BENGOCHEA, Enrique. **Expanding the Teaching Games for Understanding Model: New Avenues for Future Research and Practice.** Journal of Teaching in Physical Education, v. 21, 1 jan. 2002. <https://doi.org/10.1123/jtpe.21.2.162>.

JUNIOR, João. Futsal e a pedagogia da iniciação: **Uma proposta de conteúdos baseada em vivência de situações-problema.** 2015. Disponível em: <https://cev.org.br/media/biblioteca/4031005.pdf>. Acesso em: 22 out. 2023.

JÚNIOR, Wanderley Marchi. **O PROCESSO DE RESSIGNIFICAÇÃO DO VOLEIBOL A PARTIR DA INSERÇÃO DA TELEVISÃO NO CAMPO ESPORTIVO.** Revista Brasileira de Ciências do Esporte, v. 26, n. 2, 26 ago. 2008. Disponível em: <http://revista.cbce.org.br/index.php/RBCE/article/view/153>. Acesso em: 10 set. 2023.

LAGES, Elianey. **INICIAÇÃO ESPORTIVA UNIVERSAL: efeitos sobre o conhecimento tático e a coordenação motora de escolares de áreas urbana e rural.** , p. 122, 2018. .

LARANJEIRA, Cartier. Laranjeira; Eduardo Cartier. [s. d.]. .

LIBÂNEO, José carlos. **DIDÁTICA.** [S. l.]: cortez, 2009. v. 29, .

MARCHI JUNIOR, Wanderley. **“Sacando” o voleibol: do amadorismo a espetacularização da modalidade no Brasil (1970-2000).** 2001. Doutor em Educação Física – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2001. DOI 10.47749/T/UNICAMP.2001.224199. Disponível em: <https://repositorio.unicamp.br/Busca/Download?codigoArquivo=470820>. Acesso em: 10 set. 2023.

MARCHI, Wanderley. **Três décadas de história do Voleibol brasileiro.** n. ANPUH – XXII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 2003. .

MEZZAROBA, Cristiano; PIREZ, Giovani de Lorenzi. **Breve panorama histórico do voleibol: do seu surgimento à espetacularização esportiva.** ATIVIDADE FÍSICA, LAZER & QUALIDADE DE VIDA: REVISTA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, v. 2, n. 2, p. 3–19, 2011a. .

OLIVEIRA, Edilson Medeiros De. **Metodologia de ensino do futsal na Educação Física escolar: uma proposta baseada nos jogos táticos por compreensão.** , p. 156, 2020. .

PAPADIMITRIOU, K.; PASHALI, E.; SERMAKI, I.; MELLAS, S.; PAPAS, M. The effect of the opponents' **serve on the offensive actions of Greek setters in volleyball games.** International Journal of Performance Analysis in Sport, v. 4, n. 1, p. 23–33, ago. 2004. <https://doi.org/10.1080/24748668.2004.11868288>.

PAPADIMITRIOU, Katerina; PASHALI, E.; SERMAKI, I.; MELLAS, S.; PAPAS, M. **The effect of the opponents' serve on the offensive actions of Greek setters in volleyball games.** International Journal of Performance Analysis in Sport, v. 4, p. 23– 33, 1 ago. 2004. <https://doi.org/10.1080/24748668.2004.11868288>.

RINK, J.E. **Teaching physical education for learning.** St. Louis: Mosby, 1993.

ROCHEFORT, R.S. **Voleibol: das questões pedagógicas... a técnica e tática do jogo.** v. Pelotas: Ed. Universitária, 1998. .

SAAD, Michél Angillo. **ESTRUTURAÇÃO DAS SESSÕES DE TREINAMENTO TÉCNICO-TÁTICO NOS ESCALÕES DE FORMAÇÃO DO FUTSAL.** 2002. 112 f. Dissertação – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2002.

SALVADOR, Paulo César do Nascimento. **Metodologia de ensino de futsal e futebol.** [S. l.]: Uniasselvi, 2016.

SILVA, Everson Pereira Da. **IMPORTÂNCIA DO FUNDAMENTO DEFESA NO VOLEIBOL.** 1997. .

TENROLLER, Carlos Alberto; MERINO, Eduardo. **Métodos E Planos Para O Ensino Dos Esportes.** [S. l.]: Editora da ULBRA, 2006.

TOLVES, Bruno César Flores; DELEVATI, Maurício Kucera; SAWITZKI, Rosalvo Luis. **MÉTODOS PARCIAL, GLOBAL E DE JOGOS CONDICIONADOS NO ENSINO DO FUTSAL.** São Paulo, v. 13, n. 2, 2014. .

VARGAS, Marcus Vinicius; ALEGRE, Porto. **EVOLUÇÃO REGULAMENTAR DO VOLEIBOL NO ÂMBITO DA REDE E SUAS IMPLICAÇÕES PARA ATUAÇÃO DO ÁRBITRO.** 2010. .

MIHAILESCU, S. **VOLEIBOL** - 1973. [s. d.]. Biblio.com.au. Disponível em: <https://biblio.com.au/book/voleibol-sebastian-mihailescu/d/1420451731>. Acesso em: 22 set. 2023.

XAVIER, Telmo. **Métodos de ensino em educação física.** São Paulo: Manole, 1986

